

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM VIA  
PROJETOS DE PESQUISA NO PROJETO ESCOLAS  
INTERCULTURAIS BILÍNGUES DE FRONTEIRA (PEIBF)  
E SUAS IMPLICAÇÕES PARA OS MÚLTIPLOS  
LETRAMENTOS.  
Ana Paula Seiffert\***

**RESUMO:** Este ensaio discute a aquisição de práticas de leitura e escrita em uma experiência de educação intercultural bilíngue pública: o Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Pautado pela metodologia de ensino-aprendizagem através de projetos de pesquisa, o PEIBF apresenta-se como uma alternativa quanto às possibilidades de construção de saberes em sala de aula na nova sociedade do conhecimento. Através da proposta de um processo de ensino-aprendizagem significativo e conexo, permite-se que os conteúdos sejam vivenciados pelos alunos durante as pesquisas e, assim, todo o processo passa a favorecer significativamente os múltiplos letramentos.

**PALAVRAS-CHAVES:** chave: ensino bilíngue, fronteira, ensino via projetos de aprendizagem, múltiplos letramentos.

**ABSTRACT:** This paper discusses the acquisition of reading and writing practices in an experience of public bilingual intercultural education: the Frontier Bilingual Intercultural School Project (PEIBF). Guided by the methodology of teaching and learning through research projects, the PEIBF is presented as an alternative on the possibilities of building knowledge in the classroom in the new knowledge society. By proposing a meaningful and connected teaching-learning process, scholastic contents are allowed to be experienced by students during the research so that the whole process significantly enhances the multiple literacies.

**KEYWORDS:** bilingual education, border education via learning projects, multiple literacies.

\*Ana Paula Seiffert - Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006), mestre em Linguística (bolsista CNPq - 2008) pela UFSC na área de Política Linguística. Doutoranda do programa de pós-graduação em Linguística da UFSC também na área de Política Linguística. Pesquisadora do IPOL - Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, do subprojeto Observatório Linguístico da Educação Escolar Indígena no Território Etnoeducacional Leste (CAPES) e do Observatório da Educação na Fronteira (CAPES). Email: anapaula.seiffert@gmail.com

## Introdução

*Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 1996:29. Grifo nosso).*

Em cursos de formação, é comum ouvir de professores do ensino fundamental e do médio, independentemente da disciplina que lecionem, relatos de angústias relacionadas à leitura e, principalmente, à escrita de seus alunos. Queixam-se porque seus alunos apresentam dificuldades de interpretação de textos, porque falta aos discentes interesse por lerem aquilo que os professores propõem ou, ainda, porque quando pedem aos seus estudantes um trabalho escrito, a produção resume-se a uma cópia de um artigo retirado de um livro ou da internet. Essas são somente algumas das falas frequentemente proferidas por docentes preocupados com o grau de letramento dos estudantes que suas escolas estão formando. Ao mesmo tempo em que se encontram muito preocupados em solucionar tais questões, muitos docentes parecem não conseguir promover ações concretas para solucionar esses dilemas.

Não muito distante geograficamente da maioria desses profissionais do ensino fundamental e médio, professores do Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira do MERCOSUL<sup>1</sup> têm encontrado<sup>2</sup> respostas mais satisfatórias a es-

---

<sup>1</sup> A autora do texto atuou de 2008 a 2010 como assessora pedagógica ao PEIBF e entre 2009 e 2010 como Assistente de Coordenação do mesmo Projeto no IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística – instituto que assessorou técnica e pedagogicamente o Programa de 2005-2010.

<sup>2</sup> Corroboram, entre outros, relatos de experiências e apresentações de trabalhos inscritos no I CIPLOM - Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do Mercosul – realizado em Foz do Iguaçu entre 19 e 22 e outubro de 2010 como: ARENCE, Maria Túlia Mendes D. *Além da Fronteira Brasil e Uruguai*; SILVA, Maria Teresinha Andrada da. *Experiência de PEIBF*; SILVEIRA, Cleusa Maria Botelho Silveira & PINTO, Ane Elise Cassel. *A educação intercultural bilíngue de fronteira do MERCOSUL no ambiente social de Jaguarão: a visão da comunidade escolar* e XAVIER, Cecília Aida Nunes Acosta & FARIA, Lúcia Helena Lemos de Paula. *A educação intercultural bilíngue nas turmas de segundos anos de Jaguarão/BR e Rio Branco/UY*.

sas angústias através da metodologia de ensino-aprendizagem via projetos de pesquisa. Este artigo pretende apresentar e discutir essa proposta à luz dos desafios dos múltiplos letramentos.

## Letramentos múltiplos

Leitura e escrita compreendidas como aprendizagem do sistema alfabético (alfabetização), por si só, não são suficientes para garantir a formação dos cidadãos que as sociedades vêm assumindo ser necessária<sup>3</sup>: é preciso que os indivíduos sejam preparados para fazer uso competente das habilidades de leitura, de escrita e da linguagem oral. Assim, uma das principais funções sociais (se não a principal) da escola é formar indivíduos leitores das realidades sociais onde estão imersos e torná-los capazes de fazer da escrita e da oralidade instrumentos para atuar na sociedade, entendendo seus direitos e suas obrigações.

Para refletir sobre como garantir o grau de letramento(s) esperado dos estudantes, é necessário repensar o que significa saber ler e escrever nos dias de hoje, compreendendo que se vive em uma sociedade do conhecimento, onde os contextos são cada vez mais globalizados. Assim como a própria infância, as práticas de leitura e de escrita têm se modificado muito ao longo dos anos. Segundo Neil Postman (*apud* Filho, 2001: 2):

(...) a infância, da forma como a conhecemos, não existiu sempre e talvez esteja desaparecendo. O lugar no tempo de vida reservado ao aprendizado da complexa simbologia necessária ao entendimento do mundo - a infância - está sendo substituído, reduzido, tornado obsoleto. A cada geração, ou menos, as crianças dominam mais cedo os códigos dos adultos. Se antes eram necessários vários anos de "educação" para dar acesso a uma pessoa ao acervo cultural da sociedade, hoje esse acervo é cada vez mais acessível - em várias formas simplificadas, mediadas, "hiperlinkadas" - às pessoas em idades cada vez mais precoces.

Essas transformações sociais, grande parte também efeito

---

<sup>3</sup> A respeito disso, observar recentes definições de analfabetismo/iletrismo utilizadas pela Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) que enfatizam a necessidade de os indivíduos dominarem de forma competente as práticas de leitura e escrita como forma de poderem atuar plenamente como cidadãos.

do acesso às novas tecnologias e mídias, exigem sujeitos preparados para lidar com todas as redes de informações, desenvolvendo competências e habilidades específicas para tais. Com essas transformações, concordando com Rojo (2009:102) emerge “uma heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua /linguagem em geral em sociedades letradas”. Admitir essa heterogeneidade das práticas de letramento implica em admitir a existência e a necessidade de contemplar esses múltiplos letramentos em sala de aula. Assim, abordar e desenvolver práticas de leitura e escrita na educação contemporânea (Rojo:119):

É enfocar, portanto, os usos e práticas de linguagens (múltiplas semi-oses), para produzir, compreender e responder a efeitos de sentido, em diferentes contextos e mídias. Trata-se, então, de garantir que o ensino desenvolva as diferentes formas de **uso** das **linguagens** (verbal, corporal, plástica, musical, gráfica etc.) e das **línguas** (falar em diversas variedades e línguas, ouvir, ler, escrever). Para participar de tais práticas com proficiência e consciência cidadã, é preciso também que o aluno desenvolva certas **competências básicas** para o trato com **as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas**, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista. (Grifos da autora)

Existem muitas estratégias que os educadores utilizam / podem utilizar para garantir os usos e práticas de linguagens, tais quais: o trabalho com materiais diversificados, produzidos em diferentes gêneros discursivos e provenientes de diferentes esferas sociais; a realização de atividades significativas em que o aluno compreenda o que está fazendo, por que e para quem e a conexão dos conhecimentos escolares com a realidade dos estudantes. Entretanto, é muito difícil cumprir tantas metas e desenvolver estratégias diferenciadas dentro do sistema de ensino tradicional que “prende” o professor e o obriga vencer determinadas imposições contraditórias com objetivos políticos mais amplos para a formação de seus estudantes. Ao contrário dessa forma de trabalho “engessada”, o Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira do MERCOSUL (PEIBF), que conta com uma proposta metodológica inovadora, reúne muitas estratégias para práticas de letramentos através do Ensino via Pesquisa (EVP) e pode ser um exemplo de experiência a colaborar na reflexão e talvez na mudança não apenas de práticas pedagógicas, mas na estruturação dos próprios *currícula*

adotados no Brasil.

## Ensino via pesquisa no PEIBF e os múltiplos letramentos

Na raiz de parte das angústias frequentemente relatadas pelos professores quanto ao desinteresse dos alunos por leitura e escrita, há um ponto crucial ainda pouco explorado e mesmo percebido por muitos docentes: o fato de que essas práticas não tem se apresentado de forma significativa para os seus alunos. Ou seja, alunos produzem textos como mero exercício, sem qualquer finalidade que vá além da leitura e avaliação feitas pelo próprio professor, ou seja, as atividades se esgotam em si mesmas. Para Geradi, a respeito das atividades de escrita nas escolas:

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará uma nota para o texto)? (Gerardi, 1984:43)

Ao contrário da prática pedagógica tradicional que não prevê a escrita como prática social, o ensino via projetos de aprendizagem incide sobre os múltiplos letramentos e proporciona aos professores a possibilidade de abordar produtos culturais de diferentes esferas sociais, mídias e em diversas linguagens. Nos Estudos de Letramento no Brasil, Kleiman (2007) desenvolveu proposta de organização curricular através de Projetos de Letramento ou Conteúdos Linguístico-Enunciativo-Discursivos, a qual coincide, em alguns dos seus objetivos, etapas e efeitos com o Ensino via Projetos de Aprendizagem conforme compreendido no projeto que a seguir apresentaremos. Dentre os aspectos centrais de cada uma das propostas que coincidem, destacamos a noção de que o conteúdo não possa ser visualizado como princípio organizador das atividades curriculares, as práticas sociais é que permeiam todo o processo. Com essa perspectiva, em ambas as propostas, destitui-se uma das premissas que norteia a prática de muitos professores em escolas tradicionais: a progressão de conteúdos não é evidente.

O Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira do Mercosul (PEIBF) é um programa<sup>4</sup> multilateral no qual participam escolas brasileiras, argentinas, paraguaias, uruguaias e venezuelanas<sup>5</sup> localizadas em zonas de fronteira entre o Brasil e os demais países mencionados. O projeto se baseia na construção de um modelo de ensino comum para as zonas de fronteira e seu principal objetivo, segundo o Documento Base<sup>6</sup> do Projeto (2008:2) constitui um esforço dos países envolvidos para a “construção de uma Identidade Regional Bilíngüe e Intercultural no marco de uma cultura de paz e de cooperação interfronteiriça”.

Iniciado em 2005 na fronteira argentino-brasileira, por iniciativa argentina, em 2010 o projeto contava com a participação de 28 escolas, somente do lado brasileiro (56 instituições ao todo). A organização do Projeto baseia-se no intercâmbio docente: ao menos uma vez por semana professoras de dois dos países participantes cruzam a fronteira para lecionar na escola parceira. A metodologia de trabalho se dá através de projetos de pesquisa, dessa forma, não são oferecidas aulas **de** espanhol ou português e sim aulas **em** uma dessas duas línguas, criando-se, assim, um ambiente real de bilinguismo.

No PEIBF, os projetos das turmas funcionam como instrumentos para a cooperação interfronteiriça. Cada turma eleger uma pergunta (chamada de problemática) e elabora com a colaboração dos professores de ambos os países, um mapa conceitual com outras indagações, hipóteses e conhecimentos prévios que as crianças já possuem daquilo que querem pesquisar. Um dos pontos fundamentais dessa abordagem<sup>7</sup> de

---

<sup>4</sup> Em vias de institucionalização no sistema educacional brasileiro que ainda não reconhece a educação bilíngüe como modalidade de ensino, tal qual faz com as escolas indígenas brasileiras.

<sup>5</sup> Atualmente a Venezuela está com sua participação no PEIBF parada, aguardando definições conjuntas dos governos brasileiro e venezuelano.

<sup>6</sup> O documento base do PEIBF contempla apenas Argentina e Brasil, pioneiros do Projeto. Após a entrada de Venezuela, Paraguai e Uruguai foi formada uma comissão para reelaboração dessas diretrizes, contudo, o documento final ainda não foi divulgado / publicado.

<sup>7</sup> A abordagem com a pesquisa partindo do interesse dos alunos não é exclusiva do PEIBF: a Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Florianópolis (SC) e a Licenciatura Intercultural Indígena da UFAM em São Gabriel da Cacoheira (AM), por exemplo, também trabalham segundo essa orientação.

Ensino Via Pesquisa (EVA) é que a problemática é formulada a partir do interesse dos estudantes. São eles quem propõem a pergunta, o que parece ser o grande trunfo da metodologia: garante-se, assim, maior adesão e participação da turma quando se leva em conta seus interesses e seus conhecimentos prévios.

De posse do mapa conceitual das turmas, professores parceiros de dois dos países envolvidos participam de planejamentos conjuntos, nos quais estruturam planos de trabalho com atividades diversificadas que colaborem na resolução da questão proposta pelos discentes. É importante mencionar que todo o tempo das aulas na turma é tomado com seu projeto: a pesquisa é o fio condutor de todas as atividades pedagógicas realizadas pelo professor, não havendo ou não devendo haver qualquer atividade ou conteúdo desconectado da investigação.

Os projetos possuem duração diversificada, no entanto, a maior parte das duplas de professores opta por finalizá-los em até dois meses. Dessa forma, no projeto de cada turma atuam dois professores: um brasileiro e outro argentino, paraguaio ou uruguaio e as atividades são conduzidas por ambos. Os projetos são, assim, bilíngues: cada turma e/ou cada estudante realiza algumas atividades em cada uma das línguas (nunca a mesma atividade nas duas línguas). O currículo dessas escolas é *pós-factum*, sendo construído continuamente a partir dos diferentes conhecimentos trabalhados nos projetos. Segundo o Documento Base do PEIBF o Ensino via Projetos de Aprendizagem (EPA):

(...) implica que escolas ou turmas diferentes podem realizar projetos diferentes entre si sem perder de vista os objetivos ligados tanto ao aprendizado das habilidades caracteristicamente escolares associadas ao avanço do letramento, por um lado, quanto os objetivos atitudinais associados à interculturalidade e ao manejo das duas línguas, por outro. (p. 27)

Para exemplificar o funcionamento do PEIBF, mencionamos uma das experiências observadas durante o ano de 2010<sup>8</sup>. Em uma escola brasileira integrante do PEIBF, uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, escolheu investigar a seguinte pro-

---

<sup>8</sup> Escola assessorada por Rosângela Morello no período. Fonte: Relatório Técnico de Assessoria Pedagógica. MEC, 2010.

blemática: “Como trabalha um astronauta?”, motivados pela latente curiosidade de uma das crianças que quis saber como os astronautas resolviam suas necessidades fisiológicas no espaço e, a partir disso, a questão principal e as questões secundárias foram elaboradas. Assim, várias outras perguntas compuseram um vasto mapa conceitual que foi trabalhado ao longo de meses com a coordenação das professoras brasileira (titular da turma) e parceira.

Dentro desse projeto foram realizadas muitas atividades ricas que visavam responder aos questionamentos propostos pelos pequenos estudantes. Uma das atividades realizadas, por exemplo, contemplou a escrita de bilhetes e cartas direcionadas ao astronauta brasileiro Marcos Pontes com perguntas e comentários das crianças sobre seu trabalho. Esses bilhetes foram, efetivamente, enviados pelas crianças para Los Angeles, nos Estados Unidos, onde Marcos se encontrava naquele momento. E o astronauta não apenas recebeu a correspondência como respondeu às crianças, através de e-mails, e se prontificou, quando estivesse no Brasil novamente, a visitá-las.

O que poderia ter sido apenas um exercício de escrita de bilhetes para um astronauta fictício tornou-se uma atividade real muito rica e contemplou muito mais “conteúdos” e práticas de letramento que se poderia planejar com uma simples aula na qual se previsse “o gênero bilhete” ou “o gênero carta”, por exemplo. Através dessa atividade, as crianças tomaram contato com: a escrita e reescrita em si do gênero carta e do gênero bilhete, a pesquisa na internet pelo contato e pelo endereço do astronauta, a pesquisa pela localização de Los Angeles no globo, a visita ao correio e a compreensão do modo de funcionamento daquela instituição, o preenchimento de envelopes, o peso das correspondências, os tipos de selos e seus custos, etc. Esses são alguns exemplos de ações que uma mera atividade de um projeto proporcionou a essa turma de 3º ano. E um dos pontos mais importantes é que esses conhecimentos não foram “ensinados”, eles foram vivenciados pelas crianças, que, dificilmente os esquecerão.

Sobre essa possibilidade de vivenciar, de experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas, como no trabalho com projetos, Kleiman (2007:2) afirma:

Esse modo de agir em situações novas, característico da aprendizagem, deveria ser particularmente verdadeiro nas situações de apren-

dizagem escolar, pois na escola existem (ou deveriam existir) **possibilidades de experimentação** que estão ausentes de situações mais tensas e competitivas como as do local de trabalho. (Grifo nosso).

## Considerações finais

Ao final de um texto em que apresenta e reflete sobre a noção de letramentos múltiplos, Rojo (2009:120) questiona:

Como essa multiplicidade tão grande de práticas e textos que podem e devem ser objetos de estudo e crítica levanta problemas para a organização curricular e do espaço-tempo escolar, perguntamos também: “Como organizar, na escola, a abordagem de tal multiplicidade de práticas? Que eventos de letramento e textos selecionar? De que esferas? De que mídias? De quais culturas? Como abordá-los?”

Tais dilemas que ainda parecem distantes de serem resolvidos no ensino tradicional – Rojo sugere que o bom senso dos docentes siga o caminho dos itens “ensináveis” – é superado na proposta metodológica apresentada neste artigo. Através dos projetos de turmas, são alcançadas práticas de letramentos sem que o professor precise se preocupar com quais deve fomentar primeiro ou mais. O processo se dá naturalmente, na medida em que esses conhecimentos se fazem necessários para responder às perguntas norteadoras das investigações propostas pelos estudantes. E mais do que apenas serem ensinadas determinadas práticas, os alunos passam a vivenciá-las, fato que os motiva a participar e que propicia múltiplos aprendizados.

Assim, o Ensino via Projetos (EPA), tal qual utilizado no Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira fornece um indicativo de um caminho possível para que se atinjam os múltiplos letramentos. Contudo, o caminho percorrido pelo PEIBF não é um caminho simples: é necessária uma reforma muito mais ampla de toda a proposta político-pedagógica das instituições e instâncias responsáveis bem como uma mudança de postura dos profissionais envolvidos. Além disso, quanto aos docentes, assumir essa nova postura diante do conhecimento requer, também, adotar uma concepção social da escrita que deixe de considerar leitura e produção textual como aprendizagem de competências e habilidades individuais.

## Referências

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de línguas x tradição gramatical**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo**. 13ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.

FILHO, Jayme Teixeira. **Sobre Saber Ler na Sociedade do Conhecimento**. Insight 046, 28/08/2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 39ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de Linguagem e Ensino de Português**. In: GERALDI, J.W. (org.) O Texto na sala de aula. 2ª edição. Cascavel: ASSOESTE, 1984. p. 41 – 48.

\_\_\_\_\_. **Culturas Orais em Sociedades Letradas**. In: Educação e Sociedade – ano XXI. Nº 73: 100-108, 2000.

\_\_\_\_\_. **Unidades Básicas do Ensino de Português**. In: GERALDI, J.W. (org.) O Texto na sala de aula. 2ª edição. Cascavel: ASSOESTE, 1984. p. 49-69.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo, Santa Cruz do Sul, RS, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>.

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología (Argentina) & Ministerio da Educação (Brasil). **Documento Base do Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira**. Brasília e Buenos Aires, março de 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc\\_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc_final.pdf)

OLIVEIRA, Eliane Feitoza. **Letramento acadêmico: principais abordagens sobre a escrita dos alunos no ensino superior**. In: ENCONTRO MEMORIAL DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: nossas letras na história da educação, 2., Ouro Preto, 2009. Anais... Ouro Preto, MG: Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, 2009. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1113.pdf>.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Doze questões estruturantes para o**

**trabalho pedagógico via pesquisa na educação de jovens e adultos.**

In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.) Interesse, Pesquisa e Ensino: Uma Equação para a Educação Escolar no Brasil. Florianópolis: PRELO, 2004. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL) e Secretaria Municipal de Educação – Florianópolis. p. 47-59.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Projetos: uma prática de letramento no cotidiano do professor de língua materna.** In: \_\_\_\_\_; KLEIMAN, Angela B. (Orgs.). Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações. Natal, RN: EDUFRRN, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos**, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda S. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, 5-17, 2004.

**Enviado em: 10/08/2011 - Aceito em: 20/09/2011**